

Fogo de palha

Sexual Personae

PAGLIA, Camille.

New York: Vintage, 1991.

Personas Sexuais

São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
(tradução: Marcos Santarrita)

O sucesso de vendagem dos livros de Camille Paglia nos Estados Unidos constitui um fenômeno que não pode ser atribuído exclusivamente às manipulações da mídia. É impossível dissociar a recepção que as suas teses tiveram da crise atual nas relações entre homens e mulheres que tem se evidenciado nas denúncias dos "assédios sexuais" e em separações paradigmáticas como a de Woody Allen e Mia Farrow. Camille Paglia levanta a bandeira de que a guerra entre os sexos é intrínseca à natureza humana. O erro das feministas, segundo Paglia, seria não enxergar a profunda imanência da natureza humana e a inevitabilidade desta guerra.

Mas é preciso distinguir a Camille Paglia das entrevistas, bastante polêmicas, da autora do livro recentemente lançado no Brasil. Escrito na primeira pessoa, em um arrazoado que fascina pela pretensão de seus propósitos, *Personas Sexuais* defende a tese de que existe *continuidade e unidade na cultura ocidental* e que esta caracteriza-se pelo fato do "judaísmo-cristianismo nunca ter derrotado o paganismo, ainda florescente na arte, no erotismo, na astrologia e na cultura pop"¹. Camille Paglia afirma, ao longo de seu extenso ensaio, o poder da natureza e a in-

tilidade dos esforços culturais para domar o indomável.

No prefácio, Paglia enfatiza que sexo e natureza "são brutais forças pagãs" e que considera verdadeiros os "estereótipos sexuais e o *substratum* natural da diferença entre os sexos". Ela explica a predominância masculina na criação do mundo civilizado pelo fato de que toda realização cultural "é uma projeção, um desvio para a transcendência, sendo que os homens estão anatomicamente destinados a serem projetores" (p. 17). Os homens são os criadores da Cultura e a superioridade masculina está inscrita na própria lei da Natureza. Neste sentido, os homens "transcendem" a Natureza, ou melhor, são transcendentais por natureza.

Os valores masculinos (apolíneos) são hierarquicamente superiores aos femininos (ctônicos, dionisíacos). A natureza, por sua vez, tem uma imanência de ordem superior à espécie humana. Só que para Paglia o poder da Natureza não tem a mesma força romântica que a visão dos ecologistas. "O que é belo na natureza", diz ela, "se reduz a uma fina pele do globo (...)". Basta raspar tal pele para que a "feiúra demoníaca da natureza irrompa", diz Paglia logo nas primeiras páginas. Desta concepção da natureza como feiúra, bem ou mal encoberta pela tênue pele da esfera terrestre, desprende-se sua concepção sobre a feiúra da natureza humana. As forças primitivas que povoam homens e mulheres dificilmente podem ser domadas pela civilização.

O livro tem a pretensão enciclopédica do *Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir sem compartilhar de suas qualidades. Beauvoir insistia na tese da construção social: "ninguém nasce mulher, torna-se mulher" é sua frase universalmente mais citada. Neste sentido, as mulheres, a exemplo dela própria, poderiam optar por uma vida mais transcendente, desde que se liberem da escravidão doméstica. Em última instância, para poder ocupar um lugar de igualdade com os ho-

¹ O tradutor da versão brasileira equivocadamente traduziu *pop culture* por "cultura popular". Preferi manter minha tradução pessoal do inglês nesta e em outras passagens. Assim, a numeração entre parágrafos refere-se ao original em inglês.

mens é preciso abdicar daquilo que, para a esmagadora maioria das mulheres, constitui seu aspecto mais feminino: o ser mãe.

Camille Paglia também denuncia os riscos da maternidade, mas justamente para confirmar sua tese de que os seres humanos são biologicamente determinados, e que nada pode mudar a agressividade masculina e a passividade feminina. A mulher está presa à maternidade de seu corpo e, neste sentido, impedida de transcender. "O feminismo tem sido simplista ao afirmar que os arquétipos femininos são falsidades politicamente motivadas pelos homens. A repugnância histórica pela mulher tem uma base racional: repulsa é a adequada resposta da razão à grosseria da natureza procriativa (p.23). Assim, onde Simone de Beauvoir aponta para uma contradição - da qual o feminismo não conseguiu entender todas as dimensões - Paglia decreta a fatalidade biológica. *No way out.*

O desconforto de Paglia com a condição feminina - desconforto que também é nítido em Simone de Beauvoir, de quem Paglia é uma versão bufônica - não invalida seu questionamento com respeito às particularidades da identidade feminina. As feministas norte-americanas - com raras e honrosas exceções - fizeram uma leitura pobre e preconceituosa da obra de Freud e insistem em afirmar que o amor materno é uma criação social, como se isto resolvesse a questão da maternidade. Como negar o desejo de ter filhos? Como negar que a criança será mais feliz se for amada e bem tratada? A verdade é que as crianças só têm a ganhar quando nascidas numa família heterossexual, em que os pais tenham uma boa relação e amem seus filhos. As análises culturalistas e/ou "pós-modernas" terminam por negar o corpo e seus limites, como se as dimensões do simbólico e do imaginário pudessem ser pensadas separadamente do corpo que "suporta" as relações sociais.

Paglia também não sai das generalidades sobre a "miséria procriativa" e a sempre presente dimensão etnônica da Natureza. Sua leitura de Freud é tão superficial quanto a das feministas norte-americanas que ela tanto critica. Além do seu completo desconhecimento da produção psicanalítica contemporânea, especialmente a francesa, o que denota seu etnocentrismo, Paglia também ignora as boas contribuições em língua inglesa, como as de Juliet Mitchell e Nancy

Chodorow. Ela declara-se "pró-aborto" e "pró-pornografia" o que, como programa político, é muito pobre. Sua defesa do aborto tem pouco a ver com o tema da maternidade responsável e muito mais a ver com seu horror às crianças. Já o apelo à pornografia pode ser relacionado ao seu desprezo pelo amor. Ela só reconhece a atração "irracional", vale dizer, perversa e bestial.

Finalmente, a "contestadora" Camille defende a velha tese da irremediável hierarquia estabelecida pela natureza. No esforço de evocar a importância das obscuras forças instintivas, ela desqualifica o esforço civilizatório que busca formas democráticas de convivência para a sociedade humana. A visão política de Paglia, decorrente de sua escala de valores hierárquica e antidemocrática, é extremamente conservadora. Ela abomina qualquer teoria que preconize a igualdade de direitos, daí seu profundo antiliberalismo.

No entanto, o maior problema do livro não é ideológico, mas teórico. A tão propagada "extraordinária erudição" de Camille Paglia encontra-se bastante comprometida pelos próprios limites de sua análise. Fiel ao lema de que uma tênue pele separa a beleza da superfície da feiúra dos conteúdos internos, Paglia obsessivamente descobre o "demoníaco" em tudo o que vê. Sua visão do Renascimento, por exemplo, é bastante discutível. "O Renascimento, um retorno da imagem e da forma pagã, foi uma explosão das *personas* sexuais", diz ela. "O Renascimento liberou o olhar ocidental, reprimido pelo Cristianismo das Idades Médias. Neste olhar, sexo e agressão estão amoralmente fusionados" (p. 14). Como não contrapor esta visão tão limitada de Paglia às palavras de Burckhardt que fala do "fruto sublime daquele conhecimento do mundo e do homem que, por si só, demanda que se confira ao Renascimento italiano o título de guia e farol de nossa época?"

A profunda delicadeza e serenidade da Mona Lisa são negadas por Paglia que a descreve como "a embaixatriz de tempos primevos, quando a Terra era um deserto inóspito para o homem". O rio que serpenteia no plano do fundo do quadro é interpretado como uma alusão ao seu "frio e demoníaco coração" (p. 147). A mesma e recorrente temática do eterno retorno do dionísio, da natureza demoníaca e irreprimível, em oposição aos valores apolíneos unifica

seus diversos ensaios sobre clássicos da literatura ocidental. Assim, Goethe é apresentado como um discípulo de Rousseau que "iniciou a auto-consciência literária alemã num tumulto de ambigüidades sexuais" (p. 147). William Blake, por sua vez, "é o Sade britânico", assim como Emily Dickinson "é o Sade norte-americano. (...) Blake fez da guerra dos sexos o primeiro conflito teatral do romantismo Inglês (p. 271).

Camille Paglia é, nesta medida, um fenômeno norte-americano. Os temas que aborda, suas opiniões e interlocutores são, portanto, bastante específicos. Assim, por maior que seja o esforço da mídia para torná-la um sucesso internacional, pela publicidade às suas declarações retumbantes, do tipo "eu criei Madonna e agora vou destruí-la" (sic), no Brasil suas idéias dificilmente causarão a polêmica que seus editores desejariam. A primeira barreira é mesmo o preço do livro. Depois, as dificuldades da leitura: são quase 700 páginas (edição Vintage, 1991) agrupadas em 24 capítulos, versando sobre filosofia, arte e literatura, dos gregos aos modernos. Para leitores com verdadeira dispo-

sição de leitura a bibliografia utilizada por Paglia pode ser muito mais enriquecedora do que suas polêmicas teses sobre arte e literatura. Como tudo que é modismo, as *Personas Sexuais* terão a mesma duração do que fogo na palha. E a autora do livro, como toda sua inteligência e verve, provavelmente sabe disto.

MARIA LYGIA QUARTIM DE MORAES ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGAN, Giulio Carlo *Storia Dell Arte Italiana - 2. Da Grotto a Leonardo Firenze*, Sansoni per la Scuola, seconda ristampa, 1991.
- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo* São Paulo Difusão Européia do Livro, 2ª edição, 1960
- BUCKHARDT, Jacob *A Cultura do Renascimento na Itália*. São Paulo Companhia das Letras, 1991.
- MITCHELL, Juliet. *Psychoanalysis and Feminism* Nova Iorque Pantheon Books, 1974.
- WORFFLIN, Heinrich *Renascença e Barroco* São Paulo Perspectiva, 1989

Solidariedade mais do que irmandade: a nova meta do feminismo

Segregated Sisterhood: Racism and the Politics of American Feminism

CARAWAY, Nancie.

Knoxville: The University of Tennessee Press, 1991.

Por ter como foco principal a questão do racismo e a prática política do feminismo americano (como o subtítulo do livro indica), o estudo de Nancie Caraway traz uma contribuição muito importante para a teoria e prática do feminismo não apenas nos Estados Unidos, mas também no Brasil. Cada dia se torna mais urgente que nós feministas brasileiras enfrentemos a questão do racismo no Brasil e entre nós, isto é, que pensemos sobre a questão de nossa própria *segregated*

sisterhood, cuja tradução em português seria "irmandade segregada"¹.

Muito tempo se passou desde 1971, quando o movimento feminista americano lançou o slogan "Sisterhood is blooming; springtime will never be the same". Sem dúvida, com o florescer da "irmandade", as primaveras passaram a ter um sentido diferente, de busca de mudança e construção de uma nova identidade de mulher. Porém, logo no início da década de 80, as mulheres pretas e as mulheres de cor (*women of color*)

¹ A palavra "sisterhood" indica unificação de mulheres em torno de uma causa comum. Não temos em Português uma palavra que indique uma relação apenas entre mulheres. O termo "irmandade" se refere a relações entre irmãos. De qualquer forma, utilizarer "irmandade" aqui, me referindo à relação entre mulheres, irmãs